



Universidades Lusíada

Neves, Rodrigo Reis Ollero das, 1940-

Utopia

<http://hdl.handle.net/11067/471>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	O conceito de utopia, nomeadamente no domínio do urbano, é uma condição inerente à própria humanidade. Deste modo, procurou-se através de um percurso histórico neste campo – que não pretende ser exaustivo pela condição deste trabalho - fazer uma exposição das suas diferentes manifestações, que podem ser identificadas logo no Génesis, perpassando pelas sucessivas e posteriores idades da existência do homem como ser urbano e que envolvem a ideia e a fábrica da cidade desde a antiguidade até à prim...
Palavras Chave	Utopias, Arquitectura visionária
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 4 (1.º semestre 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:20:04Z com informação proveniente do Repositório

UTOPIA

“(...) O ÚNICO PAÍS NO QUAL A HUMANIDADE SE VEM SEMPRE RECOLHER”

Óscar Wilde¹

Rodrigo Ollero

SUMÁRIO

O conceito de utopia, nomeadamente no domínio do urbano, é uma condição inerente à própria humanidade. Deste modo, procurou-se através de um percurso histórico neste campo – que não pretende ser exaustivo pela condição deste trabalho - fazer uma exposição das suas diferentes manifestações, que podem ser identificadas logo no Génesis, perpassando pelas sucessivas e posteriores idades da existência do homem como ser urbano e que envolvem a ideia e a fábrica da cidade desde a antiguidade até à primeira década do Séc. XXI.

A expectativa é que se possa contribuir para que este conceito – o da utopia – continue a ser também o motor do conhecimento, neste e noutros domínios, e que no campo académico venha a ocupar o lugar que cada vez mais lhe pertence.

PALAVRAS-CHAVE

Utopia; Babel; Dystopia e Ecotopia; Utopia; Realidade.

ABSTRACT

The concept expressed by utopia, mainly in the urban field, is an inherent human condition. That way, it was looked throughout an historical approach in this field - that cannot be exhaustive by the space we have here – to do an exposure about its different manifestations that can be found since the Genesis, passing by the latest ages of man kind as an urban being and that can be, in this context, identified from antiquity till the first decade of the XXI Century.

Our expectation is to contribute for that concept - the utopia one – could continue to be the motor of knowledge, in this and others areas, and that in the search domain came to occupied the place that each times more belongs to it.

KEY-WORD

Utopia; Babel; Dystopia and Ecotopias; Utopias; Reality.

1. A UTOPIA PRIMORDIAL

Quando se fala em utopia, sobretudo quando esta expressão se insere no senso comum, o seu significado refere-se de um modo geral a qualquer coisa de descabido, fora de sentido, apontando a maior parte das vezes para algo que é um tanto ou quanto disparatado, pensado por alguém que anda nas nuvens e que não tem os pés bem assentes na realidade.

Todavia, e apesar do que se acabou de dizer, este conceito tem sido sempre empregue a partir do seu aparecimento muitas vezes em contextos eruditos, acabando por ser aí apreciada

¹ Apud Feireiss, 2011, p. 5.

já de outra maneira, ainda que isso possa por vezes ser feito com uma certa displicência.

No entanto, o conceito continua ainda muito formatado pelo sentido da palavra original “UTOPIA” (do grego, οὐ, “não” e τόπος, “lugar”, isto é, “não-lugar” ou “lugar que não existe”) usada por Thomas Morus no título do seu livro, em cujo fac-símile se pode ler “A Utopia - Discurso do Magnífico Rafael Hitlodeu acerca da melhor constituição de uma república” (Morus, 2005, p. 22) - república esta localizada numa ilha em nenhures, de nome Utopia.

De facto, na epístola que Pedro Egídio escreve a Busleiden² para lhe solicitar a sua interferência na edição desta obra, pode ler-se uma referência à falta de localização deste lugar: “Aproveito para lhe dizer que Mórus é um tanto perturbado por não saber qual a exacta situação da ilha. De facto, Rafael não a mencionou, mas só breve e acidentalmente porque pensava voltar mais tarde ao tema... Não obstante, não descansarei até esclarecer também este aspecto, de modo a poder dizer-vos exactamente a situação da ilha, latitude e tudo o mais.” (Morus, 2005, p. 19)

Creemos que esta passagem revela também a preocupação de dissimular, por razões políticas e religiosas, eventuais críticas aos assuntos abordados por Thomas Morus, nomeadamente as referências ao modo de vida dos habitantes na República da Utopia.

Contudo, o conceito em si, que a partir desta narrativa lhe toma o nome, é quase primordial, se pensarmos nalguns acontecimentos que nos são contados em narrativas populares que desde o Sec. IX a.C. evocam as origens de Israel, quer através dos cinco primeiros livros da Bíblia - o mais antigo das quais é conhecido por “Javeísta” - e que acabam no Séc. IV a.C. por ser finalmente compilados ” (...), constituindo o Pentateuco, que é a Tora Judaica, a Lei, primeira parte do livro santo – o Génesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronomio.” (Zumthor, 1998, p. 44)

Parece-nos interessante reproduzir aqui, este texto, dado que o mesmo contém em parte já o conceito de utopia (a primeira grande utopia), mesmo que em circunstâncias particularmente singulares.

“É ao Javeísta que se deve a passagem do Génesis que narra o drama de Babel” a Cidade, a Torre e as línguas. (Zumthor, 1998, p. 44)

*“É a Terra toda um só lábio, de únicas palavras
E é à partida deles do Oriente: encontram um Vale
Na terra de Syhienar.
Estabelecessem-se aí.
Dizem, cada qual ao seu semelhante:
Vamos, modelemos tijolos,
Passemo-los pelo lume
O tijolo torna-se para eles, pedra, o betume, argamassa.*

*Dizem:
“Vamos, construamos uma cidade e uma torre.
A cabeça dela: lá nos céus.
Adquiramos nomeada.*

*Para não sermos dispersos por toda a superfície da Terra.
YHWH desce para ver a cidade e a torre
Que os filhos do homem construíram.*

² Pedro Egídio e Buslentein, são personagens presumivelmente inventadas pelo autor para dar mais credibilidade à narrativa.

*YHWH diz:
 Sim! Um só povo com um só lábio para todos:
 Eis o que eles começam a fazer!
 Agora nada impedirá
 Tudo que o que intentarem fazer!
 Vamos! Desçamos! Confundamos aqui os seus lábios.*

*O homem não mais compreenderá o lábio do próximo!
 UHWH dispersa-os dali por toda a face da Terra.
 Cessam de construir a cidade.
 Então ele chama o seu nome: Babel, Confusão,
 Pois ali YHWH confunde o lábio de toda a Terra,
 E dali YHWH dispersa-os por toda a face da Terra.”*

Génesis 11, 1-9, a partir da tradução de A. Chouraqui, Entête, Desclée de Bouver, 1974³

Para além das análises que os exegetas poderão fazer deste texto, que foi o ponto de partida para o livro de Paul Zumthor, “Babel ou o Inacabamento”, fica-nos uma primeira prova de que a ideia de Utopia, surge já na série de episódios que se situam na “génese” da própria humanidade, pensada em termos bíblicos.

Mais ainda, ela procura retractar a história de um afrontamento que os homens tiveram com Deus (YHWH, a palavra impronunciável, outra utopia) o qual, para que o intento dos primeiros não se concretizasse, confunde-os a não se entenderem mais: “O homem não compreenderá o lábio do próximo”. E, é por isso, que a Torre e a cidade ficam inacabadas, sendo os homens obrigados a dispersarem-se segundo os seus «lábios» por toda a Terra.

Esta passagem do Genesis dá-nos um exemplo daquilo que era um projecto que podia ser “realizável”, mas que por razões “supra-humanas” acabou por não se materializar.

É interessante verificar, segundo Zumthor (que cita Minkowski), que remontaria somente ao Sec. V ou VI “uma primeira miniatura na Bíblia de Cotton retractando a torre e a cidade de Babel (...)” e que somente “(...) a partir de 1200, as imagens de Babel são mais numerosas e são utilizadas várias técnicas , pintura ou vitral, fresco ou mosaico, gravura, até mesmo tapeçaria” (Zumthor, 1998, p. 109), para a reproduzirem.

O livro de Minkowski, que é um trabalho notável de pesquisa “(...) fornece um catálogo , em principio completo, destas obras: ao todo trezentos e oitenta títulos (...)” (Zumthor, 1998, p. 109). Mas é de notar, ainda segundo este autor, ser estranho que até então nenhuma das figuras grandes das artes tenha pagado no tema, a não ser Pieter Bruguel, o Velho.

³ Apud Zumthor, 1998.



Ilustração 1 - Etemuranki: Zigarette Babilónia. Pieter Bruegel. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel)

As figuras geométricas que têm sido utilizadas para representar a para a Torre, de acordo com Louis Réau, foram sempre a cónica, a piramidal e a paralelepípedica, sempre cingidas por uma rampa helicoidal, que exprime um movimento sem fim, ele próprio também uma utopia representando o universo infinito.

2. O LABIRINTO DE KNOSSOS ENQUANTO METÁFORA UTÓPICA DA CIDADE

Mas a mitologia clássica está também plena de histórias, com as suas traições e armadilhas, que continuam a configurar utopias, alguma delas com um recorte que se enquadra no conceito que temos estado a tentar esclarecer nesta abordagem, como é o caso do mito do Labirinto da cidade de Knossos.

Conta-nos a mitologia grega que o Deus Poseidon, ofereceu ao Rei Minos um touro Branco para que este o sacrificasse em sua homenagem. Porém, a beleza do animal era tal que o rei tentou ludibriar Poseidon e imolou outro touro em lugar deste.

O deus não se deixou enganar com o teatro montado por Minos e para se vingar dele fez com que a mulher deste, Pasifae, se enamorasse do touro branco do qual veio a ter um filho monstruoso, o Minotauro, meio homem meio touro.

Não podendo matar o filho da mulher, mas querendo esconder esta traição, encarrega o seu arquitecto Dédalo de construir um labirinto de onde ninguém pudesse sair, para aí esconder o Minotauro. Todavia, o herói Teseu, entra no labirinto, mata o Minotauro e encontra a saída.



Ilustração 2 - Labirinto de Creta. Fonte: (http://gallery.nen.gov.uk/asset80653_1655-.html)

Podemos então admitir que o Labirinto de Creta é, em si, uma metáfora extraordinária sobre a “utopia urbana”, enquanto cidade “hermética”, que pode aparentemente ser ordenada, mas com muitos caminhos difíceis até alcançar a perfeição – só havia um caminho para sair do labirinto - caminhos esses que são passíveis de acabar por ser interceptados por “Minotauros”, que no fundo guardam essas saídas que se julgavam únicas, mas que sabemos não o serem.

3. A ANTIGUIDADE CLÁSSICA E O ESBATIMENTO DAS UTOPIAS NA IDADE MÉDIA

De facto, as cidades da antiguidade clássica, gregas e romanas - nem todas se podiam reclamar de «ex novo» – aguardavam também utopicamente que a quadrícula «hipodâmica» viesse salvar a organização da Polis, arrumando as suas diferentes actividades e categorias sociais de modo a poder aí viver-se num mundo perfeito e harmónico.

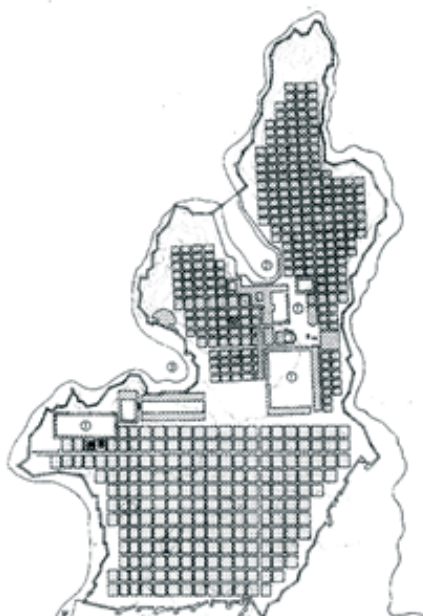


Ilustração 3 - Plano de Hipodamo de Mileto. Fonte : (Terán, 1997)

Todavia, a República de Platão - ela também uma utopia - já não se preocupava com a forma, mas sobretudo com a constituição e organização do modo como deveria ser gerida a polis para prover a felicidade dos seus cidadãos - a única menção que é feita sobre um lugar concreto, ainda que num plano metafórico, é o da “caverna”, que mesmo assim, só podia oferecer sombras da realidade que se passava noutra lugar. (Platão, 2005)

A Idade Média é, porventura, o período onde as utopias «desaparecem», em particular as que se relacionam com as cidades. O povoamento intensivo dos campos pela população que teve necessidade de o fazer como maneira de encontrar os recursos para a sua sobrevivência e, em simultâneo, a localização dispersa de edifícios singulares - como castelos, conventos, moradas de reis e senhores feudais - conduziu à rarefacção dos territórios, nomeadamente na Europa, não dando origem à formação de aglomerados dignos do nome de cidades. Esta situação, no dizer de Chueca Goitia, só se começa a alterar no séc. XV, com o alvorecer do Renascimento. (Goitia, 1982)

4. A UTOPIA E A “DESCOBERTA” DO CLASSICISMO

É neste período, isto é, no Renascimento, com o conhecimento e o estudo da antiguidade clássica - com a “descoberta” do livro de Vitruvius, ainda que sem ilustrações - que começa a ter lugar esse desejo de alcançar uma perfeição no traçado das cidades, desenho este que iria, não só servir a burguesia nascente, mas justificar o poder dos seus ainda poderosos patronos, reis, nobres e príncipes das igrejas. (Vitruvius, 2006)

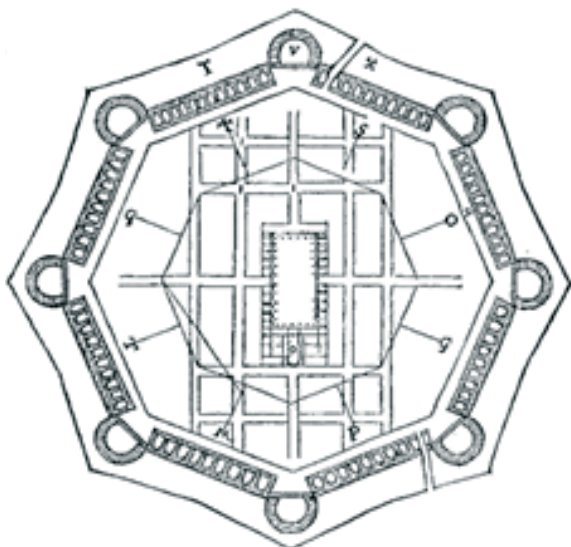


Ilustração 4 - A Cidade Ideal de Vitruvius no seu livro “De Architectura” segundo Monsenhor Daniel Barbaro, 1593. (Goitia, 1982).

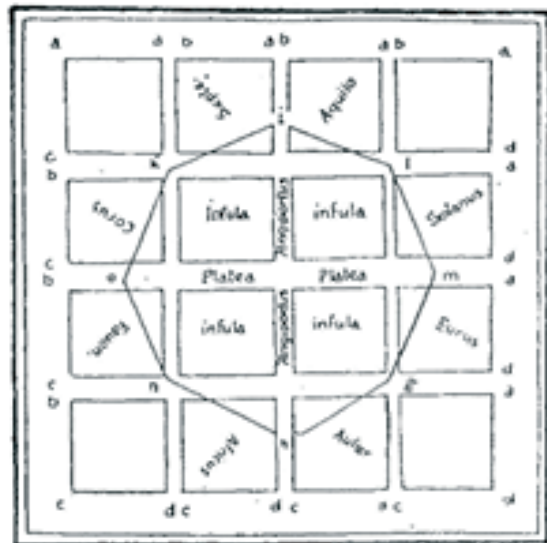


Ilustração 5 - Rectícula com quarteirões – Edição do Livro de Vitruvius de Philippi de Giunta.

A “Utopia” de Thomas Morus, em 1516, insere-se precisamente neste período e trata, como anteriormente se referiu, da descrição de uma república feita por um português, Rafael Hitlodeu, que aí viveu durante bastantes anos, depois de ter estado ligado a Vespúcio para conhecer o Mundo.

É curioso notar que é o próprio Morus, que se fez participar no enredo da estória, que incentiva Hitlodeu a narrar com o maior detalhe essa fantástica ilha da Utopia: “Pois bem (...) fazei-nos uma descrição dessa ilha maravilhosa. Não omitais nenhum pormenor (...) Descrevei-nos os campos, os rios, as cidades, os homens, os costumes, as instituições, as leis, tudo que pensardes que nos convém saber (...)” (Morus, 2005, p. 66)

Respondendo a este repto, Rafael entra curiosamente e em primeiro lugar na descrição geográfica e física da ilha, bem como no modo como as suas cidade se distribuíam, nas relações campo /cidade, na maneira como as próprias cidades se organizavam - usando para isso Amaurota, a capital da república da Utopia. E fá-lo de modo tão preciso que se pode tentar “desenhar” seguindo de perto a sua descrição, não só a ilha, como também a localização das suas cidades e o sistema de comunicação entre elas.



Ilustração 6 - Ilha de Utopia. (Morus, 2005)

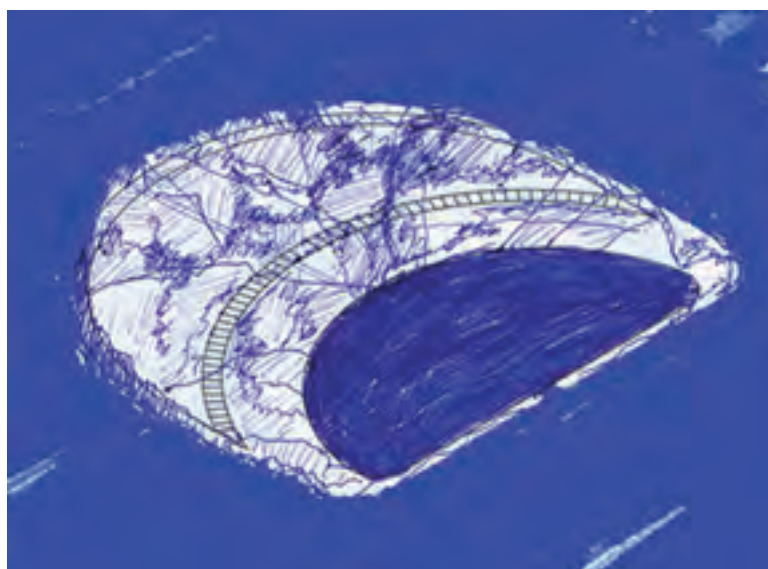


Ilustração 7 - Representação da ilha da Utopia segundo o autor (Ilustração do autor)

“A Ilha da Utopia tem duzentas milhas ⁴ na sua maior largura, ficando esta situação na parte média da ilha. Essa largura diminui gradual e simetricamente do centro para as extremidades, de maneira que a ilha toda forma como um semicírculo de quinhentas milhas de perímetro e apresenta a forma de um crescente cujas pontas estão afastadas de cerca de onze milhas.

“O mar enche toda essa mesma reentrância; as terras adjacentes que se desenvolvem em anfiteatro quebram o furor dos ventos mantendo o mar sempre calmo e dando àquela grande massa de água a aparência de um grande mar tranquilo. A parte côncava da ilha constitui como que um único e vasto porto acessível por todos os lados à navegação (...) Na parte oposta da ilha da ilha (o lado convexo), encontram-se portos frequentes e a arte e a natureza tornaram-na de tal modo inacessível que um punhado de homens poderia impedir o desembarque do maior exército.” (Morus, 2005, p. 67)

E continua entrando na explicação da forma como o território é ocupado: “A Ilha da Utopia contém cinquenta e quatro cidades amplas e magníficas (...) (que) acham-se constituídas segundo o mesmo plano e possuem os mesmos estabelecimentos, os mesmos edifícios públicos, modificados segundo as exigências da situação. A mais curta distância entre as cidades é de 24 milhas, e a mais longa percorre-se num dia a pé (...) Um mínimo de vinte mil passos de terreno é atribuído a cada uma das cidades para cultura (...)” (Morus, 2005, pp. 68,69)

A capital, Amaurota, é também referida como modelo urbano com idêntico detalhe, descrevendo-se a sua implantação quadrangular, bem como para o modo como se organiza a sua defesa e também e ainda a maneira como as ruas e os espaços verdes e de lazer estão ordenados.

Como nota curiosa, chama-se a atenção para um detalhe referente à cobertura do edificado: “(...) Os cimos das casas são planos e cobertos de uma substância incombustível, muito acessível no preço e que preserva dos efeitos do tempo.” (Morus, 2005, p. 75)

Mas estas ideias com o cunho utópico, sobretudo aquelas que aparecem enquadradas no contexto físico da cidade, foram neste período tratadas por outros autores, além de S. Thomas Morus – canonizado pelo papa Pio XI em 1935 - tais como Tommaso Campanella, com “A Cidade do Sol”, texto escrito provavelmente cerca de 100 anos depois da Utopia de Morus.

Campanella - morre exilado em França em 1639, depois de passar vinte e sete anos de cárcere – foi certamente influenciado pelo texto de Morus, nomeadamente na preocupação de também realizar uma descrição, não só da geografia do local onde se implantava a cidade, mas também do traçado da cidade propriamente dita, que no seu aspecto geral acaba por se assemelhar à ilha da república da Utopia. (Campanella, 1996)

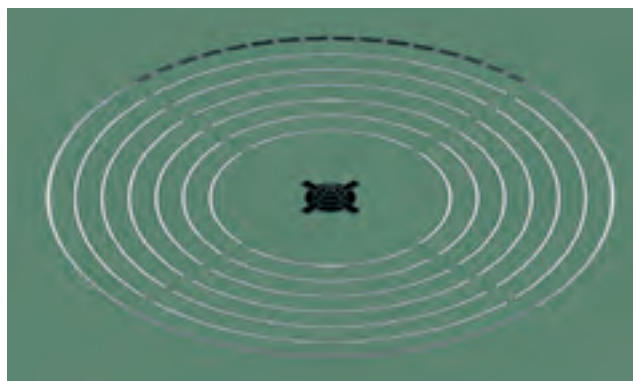


Ilustração 8 - Cidade do Sol : de Tomás Campanella. (ilustração do autor)

⁴ Uma milha terrestre tem cerca de 1600 m

Esta cidade, foi provavelmente idealizada no período de cárcere, porque para Campanella, como é dito na introdução da edição “A cidade do Sol ...- “...é impressionante pelo que tem de prisão modelar... desde a descrição das muralhas, até aos pormenores reguladores da passividade dos cidadãos, desde o princípio hierárquico, até à organização administrativa.”

Neste caso, o narrador é um almirante que conta as suas aventuras ao Grão-mestre dos Hospitalares, explicando-lhe que em viagem, quando chegou junto da Taprobana, foi constringido a desembarcar e daí posteriormente levado pelos habitantes do lugar ao encontro da Cidade do Sol:

“Na alta colina ergue-se numa vastíssima planura e sobre ela assenta a maior parte da cidade (...). O (seu) diâmetro mede mais de duas milhas e sete, o inteiro recinto ... Esta é dividida em sete círculos e recintos particularmente distintos com os nomes de cada um dos sete planetas: cada círculo comunica com o outro por quatro diferentes caminhos voltados para os quatro pontos cardeais (...) (Campanella, 1996, p. 14)

E continua, “Tendo eu entrado na porta voltada para o setentrião (...) ofereceu-se-me primeiramente ao olhar um intervalo que formava uma planura, larga de setenta passos (0.90 m), jazente entre a primeira e a segunda muralha (...) Distinguem-se aí grandiosos palácios, de tal modo unidos ao longo da muralha do segundo círculo que mais parecia um só edifício (...)” e avança com mais detalhes que permitem, sem grande esforço visualizar a cidade. (Campanella, 1996)

Como na ilha de Thomas Morus, são também fornecidos aspectos pormenorizados sobre a vida comunitária e das variadíssimas leis que regem os cidadãos, algumas delas que parecem apresentar certas semelhanças com outras situações de apuramento de raça de trágica memória. No entanto, algumas passagens, poder-nos-ão fazer sorrir, tais como: “A conjugação matrimonial realiza-se de três em três noites e depois dos geradores estarem bem lavados: uma mulher grande e bela une-se a um varão robusto e apaixonado, uma gorda a um magro, uma magra a um gordo, e assim, com sábio e vantajoso cruzamento moderam-se todos os excessos.” (Campanella, 1996, p. 38)

5. “L’URBANISME UTOPIES ET RÉALITÉ”⁵

Embora nesta abordagem não se tenha a pretensão de se fazer a história das utopias, em particular daquelas que se relacionam com a cidade, convém não deixar de assinalar a visão que alguns autores tiveram no séc. XIX, sobretudo da reflexão que sobre ela é feita no já clássico livro de Façoise Choay, “L’urbanisme: utopies et réalité”.

Neste notável trabalho, a autora propõe uma análise da história do urbanismo com esta perspectiva, de onde destacamos aquilo que denomina de Pré-urbanismo, aí englobando aqueles “(...) que fundamentaram as suas críticas contra a grande cidade industrial, baseados no escândalo da «alienação» do indivíduo, visto que pretendiam que se alcança-se um homem plenamente realizado. É em nome dessa concepção de indivíduo humano como tipo, independentemente de todas as contingências e diferenças de lugar e de tempo, que isso devia ser realizado visto que as suas necessidades tipo eram cientificamente dedutíveis (...)” (Choay, 1965)⁶

A partir daí, propõe-nos o enquadramento destes autores - alguns deles nem sequer eram arquitectos – em dois modelos: o progressista, nele englobando d’Owen, Fourier, Richardson Cabet e Proudhon e o culturalista, com Ruskin, William Morris, e no final do século Ebenezer Howard (que abordaremos de seguida mais detalhadamente). Todavia, não queríamos

⁵ Choay, 1965

⁶ Tradução do autor.

deixar de assinalar estes homens que foram sem dúvida impelidos pela força de um ideal, tome ele o nome que tomar, que tinha o propósito de contrariar as condições existentes nas cidades e oferecer à humanidade uma vida plena, suportada por aquilo que o género humano tinha alcançado de melhor, quer ao nível das «máquinas» e da tecnologia, quer ao nível do conhecimento científico relacionado com a saúde. Por isso, as críticas e o combate movidos a tudo o que viesse a contrariar essa visão edílica e altruísta, sem receio que isso pudesse ser apodado de utópico.

Falemos agora de Ebenezer Howard que Françoise Choay alinhou no modelo culturalista. Na visão da cidade proposta Ebenezer Howard, apesar da sua capacidade para se materializar, não deixa de poder trazer-se à colação a ideia de utopia. Por isso, e pela importância que veio a ter posteriormente, parece interessante trata-la aqui mais em detalhe, visto que esta visão propõe elementos bastante pormenorizados, quer no plano teórico, quer no que especificamente concerne às soluções urbanísticas desenhadas nos seus vários níveis.

O texto que Ebenezer Howard publicou-se pela primeira vez em 1898 sob o título “Tomorrow: a Peaceful Path to Real Reform”, veio a ser reeditado mais tarde, em 1902 numa edição revista com o título “Gardens Cities of Tomorrow”. (Gimeno & Duque, 2004, p. 488)

Gimeno & Duque, referindo-se a este seu modelo aludem que Howard procura expô-lo de forma muito clara e objectiva: “A superfície necessária para fundar a cidade será de uns 6000 acres...⁷, dos quais só os 1000 acres centrais serão ocupados com a cidade jardim. Poderá formalizar-se numa forma circular, de 124 jardas de raio. Seis alamedas de 120 pés de largura, partindo do centro, dividem a cidade noutros tantos bairros. O centro do círculo está ocupado por um grande jardim de uns cinco acres e meio, rodeado pelos principais edifícios públicos; em redor, está o parque central de 145 acres. Na circunferência exterior deste parque dispõe-se uma ampla arcada coberta de vidro, denominado o Palácio de Cristal (...)”. (Gimeno & Duque, 2004, p. 489)

Ilustração 9 - A Cidade Jardim, 1898. (Valdivia, 2004)

⁷ 640 acres perfazem uma milha quadrada.



Ilustração 10 - Distrito e centro da Cidade Jardim, 1898 (Valdivia, 2004)

E Howard continua a apresentar mais pormenores sobre as diferentes partes da cidade, sobre a qual dá indicações precisas da sua capacidade: “A cidade alojará cerca de 30 000 habitantes, enquanto outros 2 000 ocuparão os 5 000 acres que rodeiam o agregado urbano.”

É, sem dúvida, uma visão que procura contrariar a decrepitude da vida na cidade industrial, projectando um lugar para o homem viver sem que este se afaste da natureza, embora beneficiando das todas as vantagens que uma urbe lhe pode proporcionar.

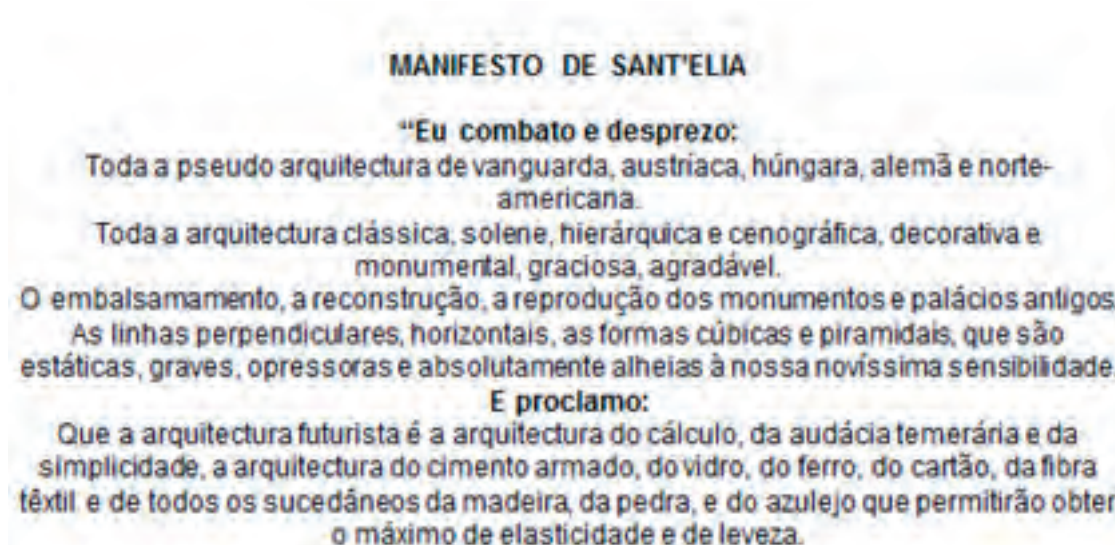


Ilustração 11 - Esquema de agrupamento de cidades, 1898. (Valdivia, 2004)

6. LA CITTÁ NUOVA DE SANT'ELIA

Ao falar de utopias, não podemos deixar de referir também, a “Cittá Nuova”, de Sant’Elia (1888-1916), pelo impacto que os desenhos das suas megalópolis produziram. Este arquitecto, que aderiu ao futurismo, fazia parte daqueles que para quem a máquina e todos os materiais que as novas tecnologias traziam, eram elementos que deveriam ser integrados na cidade para a tirar do estado em que se encontrava, fazendo com que a sua imagem não deixasse de ter ostentar essa marca

Embora tenha falecido muito novo, a sua personalidade inquieta e criativa deixou-nos uma série de desenhos desses edifícios, bem como partes da cidade, cujo sentido é proclamado de modo polémico no seu manifesto:



(...)

- Por arquitectura deve entender-se o esforço para por em harmonia, com liberdade e grande audácia, o ambiente e o homem, ou seja, converter o mundo das coisas numa projecção do mundo do espirito.
- De uma arquitectura assim concebida não pode nascer nenhum hábito plástico e linear, porque as características fundamentais da arquitectura futurista são a caducidade e a transitoriedade. As casas durarão menos do que nós, cada geração tenderá a fabricar a sua casa. Esta constante renovação do ambiente arquitectónico contribuirá para a vitória do futurismo, que já se afirma com palavras na liberdade, no dinamismo plástico, na música sem partitura e na arte dos rumores e pelo qual lutamos sem tréguas contra a vileza conformista.”

Ilustração 12 - Manifesto de Sant’Elia. (Ollero, 2005)

A linguagem deste manifesto é propositadamente provocatória, mas revela uma verdadeira crença que se poderá classificar de utópica relativamente às grandes mudanças que estão para vir em que a tecnologia seria o principal veículo. Daí os desenhos do edificado serem apresentados com um formalismo transbordante de dinamismo procurando simultaneamente expressar isso mesmo na estrutura da própria cidade cujos “ícones” são também os modos de transporte reunidos em gigantescos centros comutadores de tráfego.

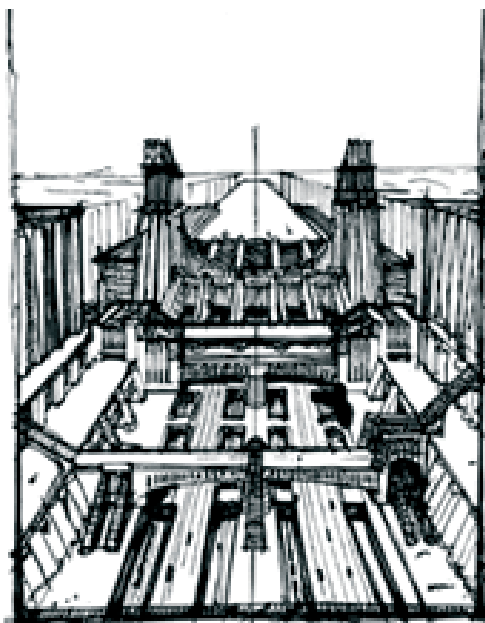


Ilustração 13 - Cidade ideal de Sant'Elia. (Ollero, 2005)



Ilustração 14 - Cidade ideal de Sant'Elia. (Ollero, 2005)

Os restantes equipamentos, nomeadamente as habitações, seguem formalmente o sentido que a cidade deve transparecer. É, de facto, uma arquitectura vigorosa e ao mesmo tempo esbelta, que estabelece entre si uma certa continuidade como se ela própria deixasse de ter o estatuto de edificado para se tornar principalmente parte integrante da cidade.

7. A VILLE RADIEUSE E A BROADACRE CITY

“No final de 1920, o grande plano de Le Corbusier para o futuro da cidade estava evoluindo rapidamente: o esquema escalonado e aberto da Ville Contemporaine, de 1922, estava a evoluir para a linearidade e homogeneidade política da sua Ville Radieuse, de 1930-31”. (Antonelli, 2002, p. 68)

Entretanto, em 1929 Le Corbusier visitou a América, numa viagem memorável que lhe permitiu observar com prazer as vistas aéreas das paisagens e das cidades tropicais. Isso

foi feito com a ajuda de dois amigos aviadores Antoine de Saint-Exupéry e Jean Mermoz. As perspectivas que pode usufruir, a qualidade da paisagem, o confronto entre as sufocantes cidades, a floresta e o território aberto, inspiram-no a esboçar as propostas para Montevideu e São Paulo que parecem prenunciar já algumas ideias para a Ville Radieuse

Os esboços feitos para estas cidades, de grande expressividade, apresentam soluções que se sobrepõem às preexistentes organizando-as, que segundo a sua perspectiva era a única maneira capaz de responder às exigências modernas, isto é, o plano principal das vias sobrepõe-se à antiga cidade ocupando a cobertura dos novos edifícios que se desenvolvem a nível inferior.

Na realidade, estes esboços dão testemunho da força das ideias que fluem do papel, levando Le Corbusier a declarar em 1961: “Prefiro desenhos que falem. Desenhar é mais fácil e dá lugar a menos espaço para mentiras”. (Antonelli, 2003, p. 68)

Depois destas viagens, Le Corbusier retoma o trabalho sobre La Ville Radieuse, em cujo texto expõe as suas últimas conclusões sobre a teoria urbana, apesar dos seus capítulos já terem sido publicados entre 1930-31 na revista *Plans*. (Antonelli, 2003, p. 68)



Ilustração 15 - Maqueta da Ville Radieuse. (Valdivia, 2004)

Le Corbusier começa então por dizer que a cidade se constrói como uma casa e que, apesar das modernas tecnologias que – e aqui uma vez mais a chamada às novas tecnologias numa perspectiva que se pode considerar utópica – estavam a provocar uma revolução na construção, ainda não tinha chegado ao urbanismo.

Por outro lado, afirmava ainda que “(...) a cidade é definida pelo planeamento e a arquitectura não pode fazer nada sem planos. (...) Foi por isso que (...) ao tomar conhecimento do plano de crescimento de Paris num raio de 100 km dá o seu célebre grito de alerta “Paris está em perigo”. (Barbarin & Duque, p. 568)

A solução estava intra-muros e por isso era preciso acabar com os subúrbios, substituindo as construções existentes por edifícios em altura, conseguindo-se assim uma mesma densidade, ao mesmo tempo que se eliminavam os transportes e se criava uma nova higiene urbana onde a natureza se ligava à cidade através dos seus espaços verdes intersticiais.

O desenho proposto para o efeito é uma estrutura urbana ordenada com torres em cruz, complementada com uma zona anexa por “Redents” - uma espécie de C’s que criavam espaços onde se podiam localizar várias actividades lúdicas, culturais e desportivas. Além disso, em defesa desta solução sublinha que as orientações previstas no edificado resultaria também no aproveitamento máximo da luz solar.



Ilustração 16 - Paris com os grandes eixos viários de Haussmann.

Fonte: (http://www.archdaily.com/15271/learning-from-the-slums-12literature-and-urban-renewal/661432556_paris-haussmann/)

Aqui, volta-se a colocar a questão que envolve o conceito de utopia, isto é, onde é que se separa a realidade concretizável da inviabilidade daquilo que é imaginado? Cremos que a circunstância da não realização da Ville Radieuse se situa não no modelo ideal pensado, mas sim na incapacidade de olhar a cidade histórica que, apesar de ter sido já renovada por Haussmann através da criação de grandes eixos viários, não tinha sido ainda tratado grande parte do território urbano, a não ser nas áreas mais degradadas. Mas a Ville Radieuse, que era demasiado radical para a época, poderia ter sido porventura levada à prática se surgisse, ou uma perspicaz vontade do poder que percebesse a sua mais-valia, ou a urgência de responder a uma grande catástrofe idêntica à que ocorreu em 1755, em Lisboa, que teve como principal protagonista o Marquês de Pombal.

A “Broadacre City” de Frank Lloyd Wright, que é trazida aqui como contraponto à Ville Radieuse e surge no seu livro “The Living City” (1958) (...), é na realidade o resumo da última versão do (seu) pensamento sobre a cidade que foi desenvolvendo durante toda a sua vida (...) Será no livro de “Despearing City”, de 1932, com o título na primeira edição “The Industrial Revolution Runs” que aparece pela primeira vez o termo “Broadacre City”: “Chamo-a (assim) porque está baseada no mínimo de um acre (0.405 ha) para cada família.” (Tena, 2004)

Todavia, quer a sua escala, quer a forma como está estruturada é bem diferente, porque ao contrário da primeira, isto é, da Ville Radieuse, assenta primordialmente na visão de uma cidade com uma economia agrária de pequena escala, entrosada na estrutura urbana construída, integrando “(...) todos os elementos libertadores do progresso, e, de entre eles a mobilidade mecanizada.” (Tena, 2004, p. 959)



Ilustração 17 - Broadacre City, Frank Lloyd Wright. (Valdivia, 2004)

Aqui, o caminho-de-ferro torna-se obsoleto e os transportes individuais, automóvel e helicóptero, são os meios de transporte mais adequados para a comodidade do cidadão. A arquitectura, orgânica, ajuda também a resolver a cidade, procurando com ela eliminar simultaneamente a relação interior/ exterior, mesmo nos edifícios de grande altura, onde a vegetação deveria ser um elemento sempre presente, como de resto em todo o espaço urbano.

8. AS UTOPIAS URBANAS DOS ANOS 60/70

No Séc. XX, principalmente até aos anos 60,70, o tema da utopia adquire uma grande ênfase, formulando proposições teóricas coadjuvadas por soluções muito apelativas no plano formal – o que de resto não deixa de ser fundamental para a motivação da sua “materialização” - procurando dar respostas a questões que eram candentes na vida das cidades – nalguns casos continuam ainda a sê-lo - em que a perspectiva da utopia não deixa de estar presente.

A cidade Espacial de Yona Friedman, que foi apresentada no CIAM X, pretendia ser uma resposta aberta à cidade tradicional - era suportada por um sistema de infraestruturas - cuja “unidade” poderia crescer até ao infinito. “Os elementos construtivos relacionados com o utilizador, tais como paredes e lajes de pavimentos são móveis, no sentido radical, e a arquitectura é feita assim sem se comprometer com qualquer estilo ou paradigma de uso. As composições podem ser versáteis e livres, são sustentadas por uma regra superior, sobre a qual repousam: uma grande malha de pilares e lajes nas quais se sustenta. Friedman chama a esta malha a “Infra-Estrutura Espacial”. O objectivo era a de que os utilizadores desempenhassem um papel tão importante como o dos arquitectos; (...)” (Quaid, 2003, p. 128)

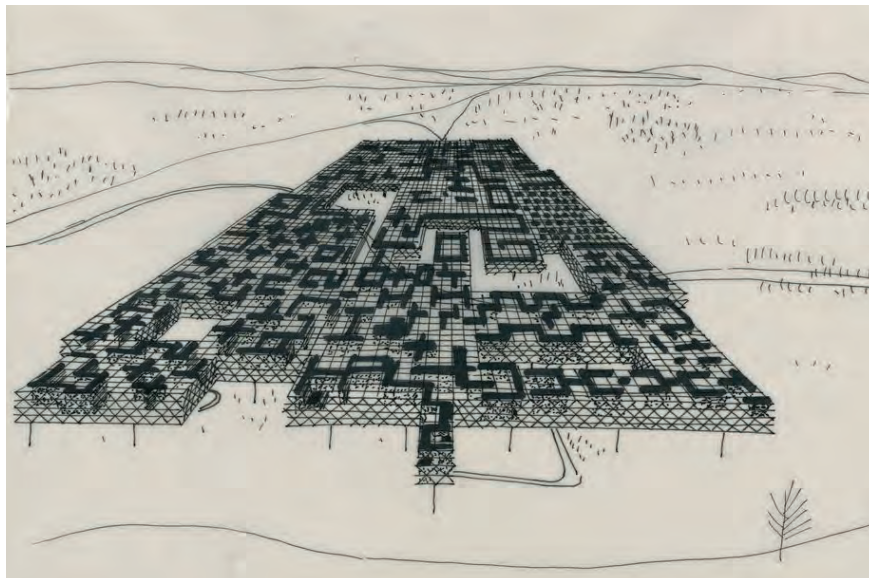


Ilustração 18 - Spatial City Project, perspectiva aérea, Yona Friedman. (Valdivia, 2004)

Entretanto, em Inglaterra um conjunto de jovens que tinham acabado de se licenciarem em arquitectura e que pretendiam realizar projectos e fazer crítica através de artigos de imprensa nesta área disciplinar constituem, nos anos 60, o grupo inglês Archigram. São eles Warren Chalk, Peter Cook, Dennis Crompton, David Greene e Ron Herron.

“O grupo adopta uma postura crítica que o conduz a apontar ideias que devem denunciar, mais do que propor alternativas eficazes. O discurso de Archigram pressupõe a potencialização de todas as componentes tecnológicas e funcionalistas presentes no Movimento Moderno e (expressam) simultaneamente a confiança na capacidade humana de realizar um mundo partindo da tábua rasa, esquecendo e recusando a história (...)” (Cia & Luque, 2004, p. 321)

Como já se tinha referenciado anteriormente, “(...) os desenhos de Archigram parecem querer demonstrar (ainda) a capacidade da arquitectura para afrontar uma escala que supera a cidade convencional, situando-se assim numa difícil posição de afrontar uma nova dimensão (...)” (Valdivia, 2004, p. 329), posição essa que é particularmente polémica ao tentar esquecer a história e os modos de vida em sociedade com as suas virtualidades e defeitos.

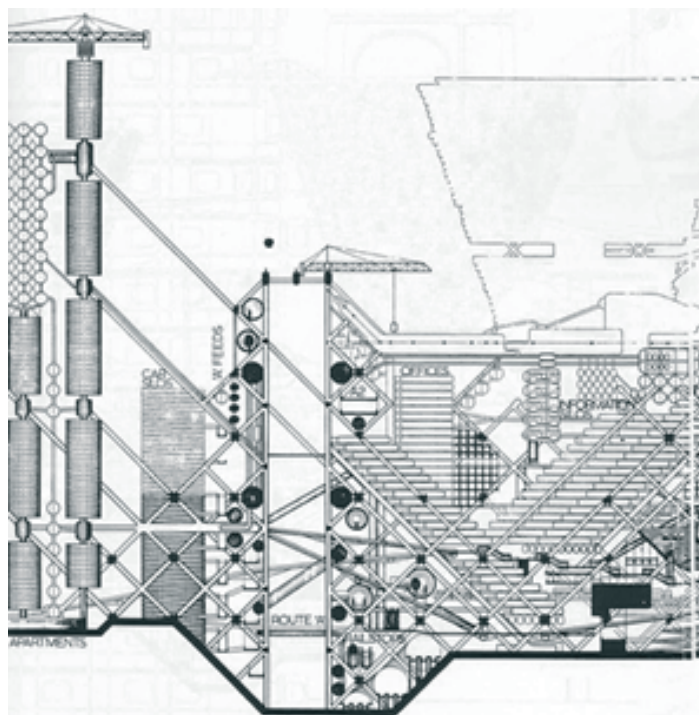


Ilustração 19 - Peter Cook, Plug-in City Project: Maximum Pressure Area, 1964. (Ollero, 2005)

A Plug-in City foi, neste contexto, projectada para atravessar o Canal da Mancha e alcançar a Europa. Trata-se de um ambiente urbano idealizado como uma mega estrutura, incorporando residências, ruas e, essencialmente, serviços para os seus habitantes. “(...) Era sua intenção encorajar mudanças através da obsolescência de cada edifício (habitação residências, escritórios supermercados, hotéis) que seriam removíveis através cadeia de guindastes que facilitariam a construção e desconstrução contínua., (Cline, 2003, p.142)

A vida de cada unidade variaria segundo o seu comprimento e a sua estrutura principal permaneceria somente quarenta anos.

“As infra-estruturas incluíam um “Monorail” de alta velocidade, “Hovercrafts”, e serviriam os edifícios móveis. ... Os desenhos de Peter Cook procuravam também através da cor e de um formalismo diferente... serem mais acessíveis e convidativos (...) O estilo popular de “comic book”, (...) e as características da contra cultura dos anos 60, proporcionavam um uso de formas excitantes num mundo em mudança tecnológica.” (Cline, 2003, p. 142)

De facto, estes últimos anos do séc. XX foram extraordinariamente prolíferos e algumas das propostas que em seguida se referem revelam-nos que a utopia estava aí sempre presente, expressando-se em cada uma delas ideias novas sobre os problemas e formas da cidade, independentemente do olhar crítico e irónico que eram usados para os polemizar.

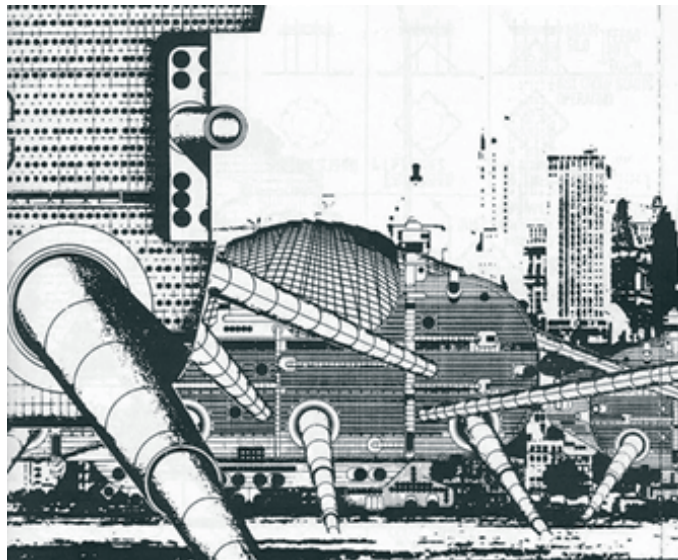


Ilustração 20 - Ron Herron (Archigram): Walking City in the Ocean Project -1964-66.(Ollero, 2005)

“Walking City on the Ocean” é um dos muitos desenhos de Herron que adoptavam o conceito de indeterminação, ou de uma arquitectura que se pode deslocar. A “Walking City” compreende uma série de veículos gigantescos, cada um contendo os equipamentos de um agregado urbano e toda a maquinaria colectiva de uma Metropolis.” .. (McQuaid, 2003, p.150)

Porém, nesta proposta ressalta sobretudo a qualidade militar do seu vocabulário formal sugerindo tanques, descritos na forte linguagem gráfica de Herron. Na realidade, a Walking City está de acordo com algumas das realizações tecnológicas vistas em Cape Kennedy, isto é, estruturas móveis que atravessam a paisagem.

Na “City in the Air Project” de Arata Isozaki , em Shinjuku, Tóquio (1960-61), acabamos também por encontrar idêntica procura , mas com soluções estáticas, diferentes e com uma outra escala.

Esta cidade é concebida em vários níveis, pairando sobre a cidade tradicional, cuja vista pode ser observada em toda a sua extensão. “(...) Auto estradas e parques de estacionamento abrem o seu caminho entre os maciços pilares que suportam superiormente blocos de escritórios e apartamentos. O plano do solo é livre e pode-se reconstitui-se em camadas de jardins, por baixo, por cima e entre os blocos.” (Quaid, 2003, p. 120)

Nestes projectos, a utopia, continua a insinuar-se acabando por validá-los, quer pela sua força programática, quer pelo desenho que se torna num elemento essencial para a percepção e promoção dos mesmos.



Ilustração 21 - City in the air project. Fonte: <http://relationalthought.wordpress.com/2012/05/21/1099/> (19-07-2013)

Outra proposta com idêntica perspectiva de cidade é-nos trazida por Kisho Kurokawa, na sua, Helix City de 1961. O expressivo projecto de Kurokawa, propõe um plano orgânico da cidade baseado em torres de serviços ligados por uma infra-estrutura de pontes pensadas quer em terra, quer no mar. Os espaços intermédios seriam sobretudo preenchidos por edifícios residenciais e, neste caso, o modelo poderia ser repetido infinitamente. (Antonelli, 2003, p. 130)

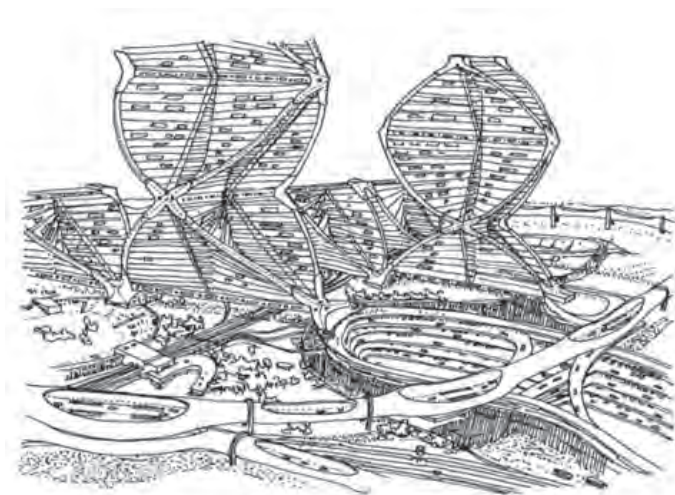


Ilustração 22 - Helix City, Kisho Kurokawa.1961. fonte: <http://tiados.blogspot.pt/> (19-07-2013)

Faz-se notar que Kurokawa trabalhou, em 1960, nos planos de Kenzo Tange para Tóquio, planos estes que eram baseados nos mesmos princípios.

A visão pessoal de Cedric Price no domínio da cidade, tomada ou não, numa perspectiva utópica, era inventiva e operacional, ao mesmo tempo que expressava a importância ética da arquitectura. Deslumbrado pela nova tecnologia, acreditava que a sua utilização devia de ser correcta, representando um papel na sociedade para servir a população, e garantir a liberdade humana.

O que desenhou para a “City of the Future”, agrupado em catorze fichas, com textos e perspectivas, podia ser considerado em conjunto como uma síntese das suas ideias sobre a cidade, ideias estas que já tinham sido expressas em projectos anteriores. Um dos seus princípios era o de que os elementos que podem melhorar a cidade, quer se tratasse de habitação, quer de equipamentos, deviam oferecer ao utente um uso-fruto quase automático. Basicamente, esta síntese andava em torno da ideia de uma inteligência tecnológica expressa no seu livro “Pottery Thinkbel”, realizado em 1963 (McQuaid, 2013, p145).

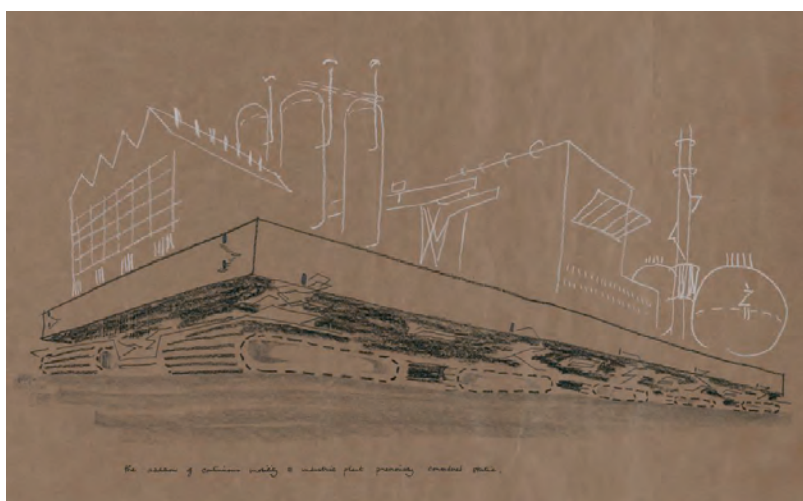


Ilustração 28 - City of the future project, perspectivas. (McQuaid, Envisioning architecture, 2003)

Também os membros do Superstudio, como muitos dos arquitectos seus contemporâneos, andavam à procura de um novo protótipo de cidade propondo uma visão optimista da expansão urbana – que hoje é vista como inevitável, apesar da sua insustentabilidade - mas que veio por ordem ao movimento da urbanização global que surgia para alguns como o paradigma ideal do futuro.

Situando-se na fronteira da ficção científica, este movimento que era uma referência devido ao trabalho desenvolvido que resultava de uma grande qualidade ideológica e criativa era e ainda continua a ser presentemente uma fonte de inspiração para o pensamento de alguns arquitectos que desenvolvem pesquisas no campo das utopias urbanas. (Antonelli, Superstudio, *The Continuous Monumente Project*, New York Extursion, New York city, New York, 2003, p. 156)



Ilustração 24 - “New York Extursion”, Superstudio - Cristiano de Francia, G Piero Franssinelli, Alessandro Magris, Adolfo Natalini : Continuous Monument Project, 1969.

Esta fotomontagem (ilustração 29), realizada pelo Superstudio, mostra uma Manhattan «pelas traseiras», como se tratasse de uma fantástica extorsão de um perfil desta paisagem. Neste trabalho, “o Monumento Contínuo”, mostra-se como um simples objecto arquitectónico para ser “exturdido” em torno do mundo.

Por outro lado, a “City of the Captive Globe Project”, que Koolhaas produziu com Zoe Zenghelis, é idealizada para o território urbano de New York: uma grelha continua que paradoxalmente suporta uma variedade de funções e de soluções formais.

Cada quarteirão pode ler-se como uma cidade-dentro-de-uma-cidade, ao mesmo tempo que mostra as influências assumidas pelo OMA: a surrealista, reminiscência arqueológica do Anjo de Milleteo, de Salvador Dali (1933-35), as torres do “Plan Voisin” de Le Corbusier, e o Stand de Lenine de El Lissintzky, todos em torno de “The Captive Globe”, uma metáfora sobre Manhattan representada como uma “enorme incubadora do mundo” (Riley, Rem Koolhaas, *The City of the Capive Globe Project*, New York City, New York, 2003.p. 172)

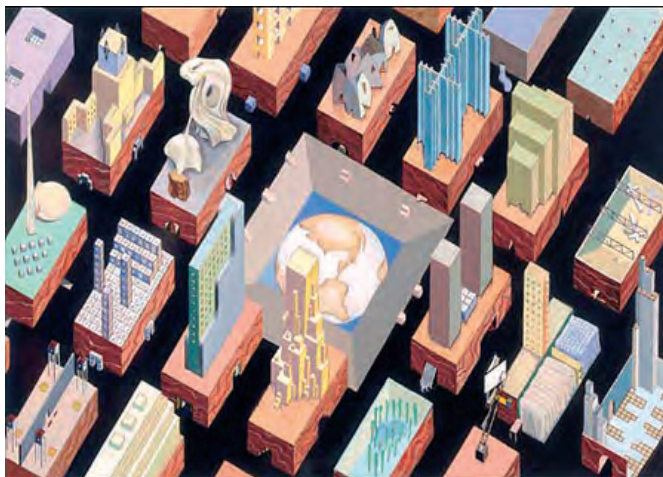


Ilustração 25 - "The city of the captive word". 1972., New York City de Rem Koolhaas com Zoe Zenghelis. Fonte: <http://nickkahler.tumblr.com/post/3366752178>. (19-07-2013)

Um outro importante teórico italiano, Aldo Rossi, saudoso da cidade histórica, revela no quadro "Construindo o Projecto da Cidade", imagens icónicas para reconhecer as funções dos principais tipos de edifícios e da sua identificação no espaço público através da respectiva forma: um cubo, um cone, um cilindro e ainda outros volumes baseados no octógono e no rectângulo. Neste trabalho as formas significam as funções vitais da vida urbana: o cubo proporciona um espaço público para vários usos: habitação, escritórios, equipamentos e ainda a sua relação com uma praça; a torre octogonal é um edifício para os paços do concelho ou um centro cívico; o cilindro pode ser uma escola, um teatro ou uma biblioteca; e uma chaminé cónica é apresentada como um monumento urbano; bandas de edifícios contêm no nível térreo serviços públicos que se desenvolvem sob a uma galeria definida por pilares que sustentam a um nível superior habitação; no centro do quadro, mostram-se ainda casas rurais italianas, como memórias culturais destes lugares. Assim, a cidade cria através destas marcas os lugares urbanos que a caracterizam e que fazem parte do seu léxico morfológico. (Carlo, 2003, p. 190)

Idêntica visão é expressa, em 1970, por James Wines, elemento fundador do conjunto de arquitectos que formavam o SITE (Sculpture in The Environment), ao descrever "Highrise of Homes" como uma "comunidade vertical (para)... as pessoas acomodarem os desejos conflituosos no sentido de gozarem as vantagens culturais de um centro urbano sem sacrificarem a identidade das suas casas e dos seus jardins associados com as periferias". (Cline, 2003, p. 220)

O projecto propõe edifícios formando um quarteirão implantado em U, com estrutura em betão com oito ou dez andares, num território urbano muito denso. A entidade gestora do empreendimento venderia os lotes dentro desta estrutura - sem limitações senão as decorrentes da dimensão do próprio lote e da altura entre cada nível - que ofereceria um local para construir uma habitação unifamiliar com espaço para um jardim incluído.

Este conjunto formaria como que uma comunidade rural, que podia variar de piso para piso. A acessibilidade vertical seria assegurada por um núcleo central que serviria todo o conjunto. As lojas, os escritórios, e os outros restantes serviços localizariam-se-iam no piso térreo e no piso intermédio. (Cline, 2003, p. 220)

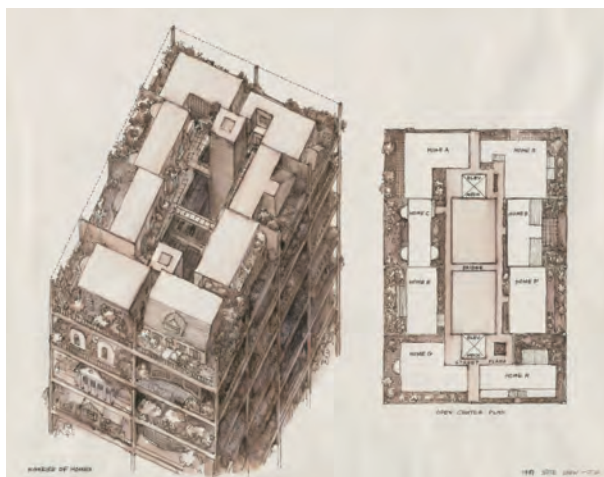


Ilustração 26 - "Highrise of Homes Project", James Wines, 1981. Fonte: http://www.moma.org/collection/object.php?object_id=708. (19-07-2013)

Como se pode depreender com esse zoom feito a algumas utopias do séc. XX, verifica-se que especialmente a segunda metade deste período foi particularmente prolifera a apresentar soluções para a crise que as cidades viviam em diferentes contextos, sem que os seus autores se preocupassem com o distanciamento que as mesmas poderiam apresentar em termos da sua viabilidade.

Representavam, isso sim, o melhor que se podia imaginar para a vida urbana e para o bem estar dos seus habitantes, pelo menos relativamente a alguns parâmetros neste domínio, sobretudo no que toca à paisagem da cidade, mesmo que isso fosse revestido de uma roupagem utópica.

9. UTOPIAS SÉC. XXI

“De facto, o que parecia quase como compulsivo para os arquitectos dos anos 60’s e 70’s ou seja desenhar e projectar uma utopia, desvanece-se completamente no discurso arquitectónico depois do colapso das grandes ideologias e conseqüentemente da desilusão do desaparecimento dessas ideias nas épocas seguintes.” (Feireiss, 2011, p. 6)

Uma década depois do início do século XXI, dá-se o ressurgimento da utopia que toma mundialmente um novo vigor expressando outras abordagens na arquitectura e no urbanismo, mostrando conceitos cuja complexidade e dificuldade espelham a realidade do tempo presente, propondo respostas diferentes das usadas até então, quer quanto ao edificado, quer quanto ao modo de fazer as cidades.

Lucas Feireiss, no seu livro “Utopia Forever” lança uma série de interrogações relativas a esta nova situação em que a utopia se coloca:

- “- Mas o que é que torna a utopia de novo um assunto candente?
- De que maneira as utopias contemporâneas diferem das que as precederam?
- Será que se está num período “Maneirista” da utopia?
- Que novas ideias podem realmente ser formuladas que desafiem as fronteiras da imaginação humana? O que é que fica para a utopia tratar se nada parece demasiado rebuscado ou impossível de alcançar?
- Se são lançados concursos de arquitectura para a Lua, se a mudanças climáticas solicitam urgentemente estratégias de mudanças no horizonte de um séc., então que efeitos podem ter os ideais utópicos?” (Feireiss, 2011)

Apresentam-se de seguida alguns projectos, juntamente com as ideias que os estruturam, que se encontram reunidos no livro atrás referido que expressam de forma singular este novo impulso no campo das utopias que mostra algumas respostas às questões postas por Lucas Feireiss que têm a ver com problemas tais como, o aquecimento global, o aumento das

marés, o recurso a energias limpas, a falta de água potável, a recusa da expansão ilimitada do tecido urbano das cidades e o crescimento exponencial da tecnologia.

Cada uma destas propostas é feita para um tempo e um local determinados e procuram responder a aspectos “básicos” onde foram considerados os porquês que estiveram na origem de cada uma delas, bem como dos princípios que as sustentaram.

Tenta-se assim fazer uma espécie de actualização, naturalmente incompleta, daquilo que temos vindo a dizer sobre as utopias e de como estas propostas, concebidas já no sec. XXI, no fundo, parecem continuar a ter aquela mesma chama que brilha desde que o homem começou a pensar e a procurar materializar os seus ideais - sobretudo os urbanos - alguns dos quais não poderão deixar de permanecer sempre no plano das utopias.

9.1 A CIDADE EM “LAYERS”

A cidade de Melbourne é considerada pelos autores da “Multiplicity”, John Wardle e Stefano Boscutti, como insustentável, circunstância esta que leva este projecto urbano a não propor a expansão do seu perímetro. Este conceito foi pensado para 2010 e assume que só através da criação de uma “super densidade” na cidade se pode contrariar a presente situação.

Deste modo, é proposta a criação de uma grelha tridimensional sobre a cidade de Melbourne, para abrir um novo caminho à sua expansão através de sucessivos Layers com usos diferentes para cada um, levando a que neste contexto os serviços públicos e os privados venham a deixar de ter as mesmas características que têm actualmente.

Multiplicity cria desta maneira uma nova cidade sobre a actual, não deixando no entanto de se questionar se este novo aglomerado urbano pode ser povoado pela população pré-existente. Dada a sobreposição de “cidades” terá que haver várias ligações verticais entre ambas que estabeleçam a continuidade necessária do conjunto.

Também do ponto de vista climático a cidade situada no layer superior protegerá termicamente a antiga e o sol e o vento serão as fontes de energia principais.



Ilustração 27 - Multiplicity – Localização: Melbourne, Arquitectos: John Wardle e Stefano Boscutti.

9.2 CONSISTENZE & PRESISTENZE “A CIDADE RENASCIDA”

Esta cidade, imaginada por Giacomo Costa, parece ter sido pensada a partir duma situação que pressupõe um quadro urbano pós catástrofe. Deste modo, o edificado construído entrossa-se na cidade abandonada, que posteriormente. Não foi objecto de qualquer intervenção de

reabilitação, oferecendo imagens urbanas algo deprimentes de uma outra cidade onde não se apagou o pesadelo vivido, mas que quer renascer das ruínas, forçando a construção do seu futuro. ainda que com a recusa em oferecer uma perspectiva edílica desta.



Ilustração 28 - Artista: Giacomo Costa Localização: Uma alternativa para o futuro fonte: <https://sites.google.com/site/fotoartfestivalen/fotoartfestival-2009/wystaw-yglowne/giacomo-costa>. (19-7-2013)

9.3 CONSTRUINDO UMA “NATUREZA” URBANA: THE BERG, LACE HILL E SIECHE NEVADA

Actualmente há nos conjuntos urbanos espalhados pelo planeta diversos edifícios que crescem desmesuradamente em altura, imaginando-se nesta proposta, “The Berg”, pensada para 2008, por Arquitectos: Mila Studio (Jakobe Tiggés), uma montanha com mil metros de altura no perímetro de Berlim, como contraproposta a dar à área deixada vazia pelo anteriormente previsto aeroporto de Tempelhof. O conceito que constitui o seu ponto de partida, é o entendimento de que o desenvolvimento de Berlim deve ficar estagnado face à paragem no crescimento da sua população, concluindo-se assim não haver lugar para se construir mais.

Com esta perspectiva, Jacob Tiggés propõe que, em lugar do aeroporto cujo projecto foi abandonado, se crie uma edílica paisagem natural com uma montanha que deverá proporcionar um debate, não só sobre a morfologia das cidades, mas também dos aspectos artísticos que lhe são subjacentes.

Desta maneira, “The Berg” quer afirmar-se como um novo símbolo para Berlim – e não só – pois simultaneamente oferece também ao mundo uma solução diferente para a construção das cidades, renovando os usuais paradigmas do crescimento urbano, com a hipótese alternativa da criação de novas paisagens “naturais”.



Ilustração 29 - “The berg”, Localização: Berlim-Tempelhof, Germany – Uma alternativa para o futuro, Arquitectos: Mila Studio (Jakobe Tiggés). Fonte: <http://relationalthought.wordpress.com/2012/10/11/1274/>. (19-07-2013)

Com idêntico sentido, surge “Lace Hill”, proposto por Arquitectos: Forrest Fulton Architecture, como um outro modelo do desenvolvimento urbano, oferecendo 885 mil m² de área construída na cidade de Yerevan, capital da Arménia, pondo de lado as já gastas tipologias de crescimento em altura.

Com esta mega estrutura, a cidade recorta-se contra o simbólico monte Ararat, propondo uma nova maneira de viver o espaço urbano, onde as áreas verdes são o ponto de partida para a sua materialização. Como anteriormente já se referiu, Lace Hill em vez de tentar criar mais torres, contrapõe uma nova imagem de cidade, semelhante à de “The Berg”, construindo nela um “edifício paisagem natural”, onde todos os cidadãos - e não só os que a ele estão ligados – podem partilhar da sua usufruição.

O “edifício” aparece de facto como uma montanha vazada permanentemente aberta para o exterior, e naturalmente também para o céu, ocupando aí a habitação as melhores posições de maneira a obter sempre a maior quantidade de luz natural.

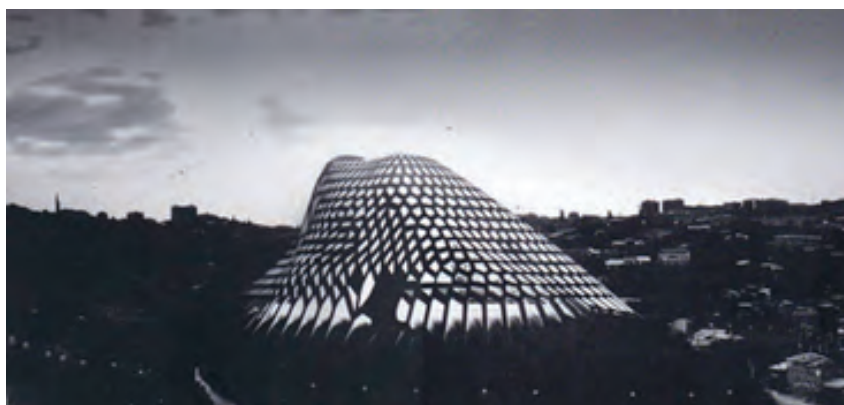


Ilustração 30 - “Lace hill”, Localização: Yerevan, Arquitectos: Forrest Fulton Architecture.

Um projecto com conceitos que são inspirados em ideais semelhantes, o “Sieche Nevada”, foi imaginado pelos Arquitectos: MATSYS, para o sudoeste americano, e constituirá um paradigma para conjuntos urbanos no subsolo cujos condicionamentos e perfil programáticos sejam idênticos, sobretudo em regiões onde a escassez da água se começa a transformar numa realidade que é preciso ultrapassar no futuro.

Como começa a ser já consensual, a água é hoje um bem escasso e nos tempos que hão-de vir, tornar-se-á ainda mais raro. Este projecto mostra-nos uma estrutura subterrânea que alojará depósitos de água no subsolo que irão gerar uma vida urbana naquele nível, que nalguns sítios poderá abrir-se para o exterior, embora sem abandonar esta condição.

Muitos americanos que fixaram as suas casas junto do rio Colorado, que se encontra em degradação crescente devido às secas que continuam a ser cada vez perlongadas naquela região, estão numa situação cada vez mais desesperada. Deste modo, estes reservatórios de água ser-lhes-ão vitais, perspectivando-se no futuro como indispensáveis para a viabilidade da vida naquele território da América.

Assim, poder-se-iam criar no subsolo grutas artificiais que se constituiriam com um território urbano que possa albergar uma intensa vida cidadina. Além disso, serviriam ainda, segundo os seus autores, como um abrigo em caso de guerra e da falta de água que neste contexto se poderá vir a verificar.

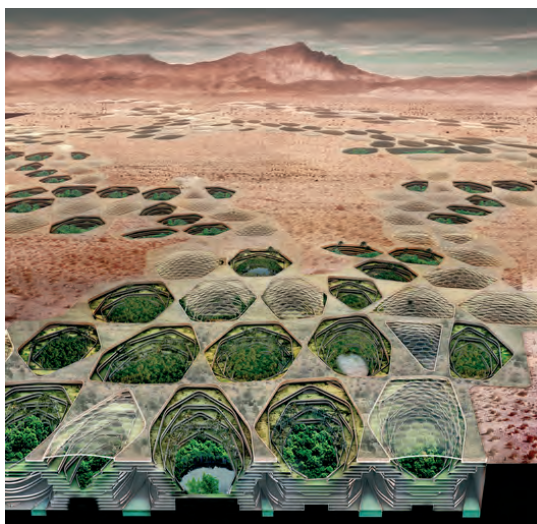


Ilustração 31 - Sieche Nevada, Arquitectos: MATSYS.



Ilustração 32 - Sieche Nevada, Arquitectos: MATSYS. Fonte: (http://archgo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=425:sietch-nevada-matsys-designs&catid=80:cbd). (19-07-2013)

9.4 PARAÍSO FLUTUANTES À CONQUISTA DOS OCEANOS

O “Floating Gardens”, foi projectado para cerca de 2012, na zona de IJsselmeer Lake, nos lagos de água não salgada, a nordeste de Amsterdão, por Anne Holtrop, em colaboração com Roderik van der Weijden. Este projecto prevê a criação de uma ilha artificial flutuante, coberta por um jardim, cujo interior é ocupado por equipamentos de lazer. Esta proposta naturalmente só faz sentido quando pensada para territórios aquáticos, explorando-se também aqui o modo como um volume flutuante construído artificialmente poderá dar lugar a diferentes ocupações exterior/interior.



Ilustração 33 - “Floating gardens”, Localização: Lago IJsselmeer, Amsterdão, Holanda – 2012, Arquitectos: Anne Holtrop (colaboração de Roderik van der Weijden). Fonte : <http://plusmood.com/2010/02/floating-gardens-spawellness-amsterdam-studio-noach/>. (19-07-2013)

Qualquer utilizador desta “ilha” poderá assim percorrer esta “natureza” e como alternativa, num SPA aí localizado, tomar banho e fazer uma sauna e/ou um tratamento de relaxamento. Além disso, pretende-se ainda avaliar-se como a água envolvente pode funcionar como um mecanismo de aquecimento e de arrefecimento – segundo o princípio que está por trás da construção do frigorífico – que segundo os cálculos feitos neste sentido indicam resultados cerca de 70 % mais eficientes do que através dos processos normais de produção de energia.



Ilustração 34 - “Floating gardens”, Localização: Lago IJsselmeer, Amsterdão, Holanda – 2012, Arquitectos: Anne Holtrop (colaboração de Roderik van der Weijden).(19-07-2013)

9.5 NENÚFARES GIGANTES

“Este é um projecto, a que os seus autores chamaram de “Giant Water Lilies foi concebido por Ulf Hackhalf, Pirjo Haikola e Gonzalo Ribas, para The why Factory, na Delt University, e foi baseado numa palestra que Bill Gross, o seu inventor, apresentou em 2003. É um biótipo absolutamente novo que pode simultaneamente transformar-se numa atracção turista de massas junto à costa tailandesa.” (Feireiss, 2003, p.85)



Ilustração 35 - “Nenúfares Gigantes”, Localização: Phuket, Tailândia – Num futuro próximo, Arquitectos: The Why Factory.

Com estas ilhas flutuantes é proposta a eliminação entre a fronteira do natural e do artificial, apresentando-se como um projecto realmente viável, quer tecnológica, quer economicamente. Foi baseado num “nenúfar gigante” cujas “pétalas” espelhadas se abrem durante o dia e transformam a energia solar em energia limpa que poderá alimentar as cidades costeiras. Acresce ainda que se constituirão como maravilhosos “land marks” que podem estar localizados em qualquer território marítimo junto à costa. As “pétalas”, como se referiu anteriormente, reflectem para um receptor central a energia solar, que pode atingir os 500° celsius e utilizam depois o sal derretido para transportar o calor para turbinas existentes na sua base, o qual é, por sua vez, transformado em electricidade. Esta energia, ao contrário da energia fotovoltaica, tem muito menos custo de armazenamento, possibilitando que durante a noite e nos dias sem sol, estas fábricas paradisíacas continuem operacionais. Além disso, cada unidade pode ser complementada com outros usos, nomeadamente a instalação de equipamentos turísticos de lazer.



Ilustração 36 - “Nenúfares Gigantes”, Localização: Phuket, Tailândia – Num futuro próximo, Arquitectos: The Why Factory.. [http://inhabitat.com/floating-water-lily-islands-would-delight-tourists-and-soak-up-solar-rays/olympus-digital-camera-31/.\(19-07-2013\)](http://inhabitat.com/floating-water-lily-islands-would-delight-tourists-and-soak-up-solar-rays/olympus-digital-camera-31/.(19-07-2013))

Tendo em vista a resolução dos problemas decorrentes do aquecimento global e das previsíveis inundações costeiras com ele relacionadas, o “lilypad: A Floating Ecopolis for Climate Refugees”, de Vincent Callebaut, com o horizonte em 2100, têm dois objectivos: em primeiro lugar criar uma solução exequível para esta a situação catastrófica referida oferecendo “territórios” flutuantes aos países mais desenvolvidos; em segundo lugar proporcionar, e, independentemente do objectivo primeiro, encontrar novas áreas de expansão em todas as regiões habitadas que se encontrem em idênticos riscos.

É assim imaginado neste contexto que esta(s) espécie de marinas flutuante(s) se deixem conduzir pelas correntes frias do Lavrador e as quentes do Golfo, podendo alojar 150 mil habitantes que viverão na biodiversidade que delas deverá emergir. Nestas imensas plataformas artificiais a natureza permitirá armazenar a água das chuvas num grande largo central que servirá simultaneamente de balastro a todo este conjunto flutuante. Esta proposta foi inspirada nos nenúfares do Amazonas, aumentados 250 vezes, propondo-se para a sua construção uma tecnologia que se baseia fundamentalmente no uso de materiais, tais como as fibras de poliéster e o titânio. Em paralelo, a sustentabilidade ambiental será conseguida através de um sistema que absorverá a poluição atmosférica com base no efeito foto catalítico.



Ilustração 37 - Os Oceanos do Mundo – 2100, Lilipad: Ecopolis flutuantes, Arquitectos: Vicent Callebaut Architecture.



Ilustração 38 - Os Oceanos do Mundo – 2100, Lilipad: Ecopolis flutuantes, Arquitectos: Vicent Callebaut Architecture. (Feireiss, 2011)

CONCLUSÃO

Julgamos que a ideia de utopia, como se tem vindo a sublinhar, é imanente à própria condição humana e, por isso, se considerar ser redundante tentar fazê-la plausível.

Assim, a abordagem que aqui se realiza sobre a utopia – independentemente da sua denominação ter sido criada na Renascença por Thomas Morus - procura trazer à colação diferentes versões da mesma, num percurso histórico em que a cidade é a sua matéria prima, tendo-se tentado indicar neste domínio, e segundo o ideário da diferentes épocas, exemplos significantes e motivadores de maneira de tornar cada vez mais presente a acuidade da utopia.

Por outro lado, a capacidade polémica, que está na sua própria matriz é ilimitada dando lugar a aderir-se sem qualquer constrangimento ao título que explicita este conceito no livro de Lucas Feireiss, “Utopia forever”. – que nos serviu por último de apoio relativamente à abordagem desta ideia no séc. XXI.

Assim, a utopia, seja ela expressa em forma de Ecotopia ou Dystopia, cremos ser – e procuramos deixar isso claro - qualquer coisa de vital para a humanidade, uma espécie de elixir fundamental à criação de um futuro esperançoso para o homem, quer ela se refira à arquitectura, à cidade ou a qualquer outro domínio.

A renovação do passado impõe sempre a invenção de uma ideia que possa catapultar o homem na procura de um “Santo Graal”, isto é, daquilo que lhe possa servir de incentivo na busca do seu bem estar nos vários territórios que possibilitam alcançar este propósito. Então, torna-se muito significativa a notável frase de Óscar Wilde “...Um mapa do mundo que não incluía a utopia, não vale a pena ser olhado, porque deixa de fora o único país no qual a humanidade se vem sempre recolher ...”. (Feireiss, 2011, p. 5)

2012-07-11 - Rodrigo Ollero

Lista de ilustrações:

- Ilustração 1 - Etemuranki: Zigurate Babilónia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel)
- Ilustração 2 - Labirinto de Creta. Fonte: (http://gallery.nen.gov.uk/asset80653_1655-.html)
- Ilustração 3 - Plano de Hipodamo de Mileto. Fonte : (Terán, 1997)
- Ilustração 4 - A Cidade Ideal de Vitruvio no seu livro “De Architectura” segundo Monsenhor Daniel Barbaro, 1593. (Goitia, 1982)
- Ilustração 5 - Rectícula com quarteirões – Edição do Livro de Vitruvius de Philippi de Giunta
- Ilustração 6 - Ilha de Utopia. (Morus, 2005)
- Ilustração 7 - Representação da ilha da Utopia segundo o autor (Ilustração do autor)
- Ilustração 8 - Cidade do Sol : de Tomás Campanella. (ilustração do autor)
- Ilustração 9 - A Cidade Jardim, 1898. (Valdivia, 2004)
- Ilustração 10 - Distrito e centro da Cidade Jardim, 1898 (Valdivia, 2004)
- Ilustração 11 - Esquema de agrupamento de cidades, 1898. (Valdivia, 2004)
- Ilustração 12 - Manifesto de Sant’Elia. (Ollero, 2005)
- Ilustração 13 - Cidade ideal de Sant’Elia. (Ollero, 2005)
- Ilustração 14 - Cidade ideal de Sant’Elia. (Ollero, 2005)
- Ilustração 15 - Maqueta da Ville Radieuse. (Valdivia, 2004)
- Ilustração 16 - Paris com os grandes eixos viários de Haussmann. Fonte: (http://www.archdaily.com/15271/learning-from-the-slums-12literature-and-urban-renewal/661432556_paris-haussmann/)
- Ilustração 17 - Broadacre City, Frank Lloyd Wright. (Valdivia, 2004)

- Ilustração 18 - Spatial City Project, perspectiva aérea, Yona Friedman. (Valdivia, 2004)
- Ilustração 19 - Peter Cook, Plug-in City Project: Maximum Pressure Area, 1964. (Ollero, 2005)
- Ilustração 20 - Ron Herron (Archigram): Walking City in the Ocean Project -1964-66.(Ollero, 2005)
- Ilustração 21 - City in the air project. Fonte: <http://relationalthought.wordpress.com/2012/05/21/1099/> (19-07-2013)
- Ilustração 22 - Helix City, Kisho Kurokawa.1961. fonte: <http://tiados.blogspot.pt/> (19-07-2013)
- Ilustração 23 - City of the future project, perspectivas. Fonte: <http://boiteaoutils.blogspot.pt/2010/04/city-of-future-by-cedric-price.html> (129-07-2013)
- Ilustração 24 - “New York Extursion”, Superstudio - Cristiano de Francia, G Piero Franssinelli, Alessandro Magris, Adolfo Natalini : Continuous Monument Project, 1969.
- Ilustração 25 - “The city of the captive word”. 1972., New York City de Rem Koolhaas com Zoe Zenghelis. Fonte: <http://nickkahler.tumblr.com/post/3366752178>. (19-07-2013)
- Ilustração 26 - “Highrise of Homes Project”, James Wines, 1981. Fonte: http://www.moma.org/collection/object.php?object_id=708. (19-07-2013)
- Ilustração 27 - Multiplicity – Localização: Melbourne, Arquitectos: John Wardle e Stefano Boscutti.
- Ilustração 28 - Artista: Giacomo Costa Localização: Uma alternativa para o futuro fonte: <https://sites.google.com/site/fotoartfestivalen/fotoartfestival-2009/wystaw-yglowne/giacomo-costa>. (19-7-2013)
- Ilustração 29 - “The berg”, Localização: Berlim-Tempelhof, Germany – Uma alternativa para o futuro, Arquitectos: Mila Studio (Jakobe Tigges). Fonte: <http://relationalthought.wordpress.com/2012/10/11/1274/>. (19-07-2013)
- Ilustração 30 - “Lace hill”, Localização: Yerevan, Arquitectos: Forrest Fulton Architecture.
- Ilustração 31 - Sieche Nevada, Arquitectos: MATSYS.
- Ilustração 32 - Sieche Nevada, Arquitectos: MATSYS. Fonte: (http://archgo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=425:sietch-nevada-matsys-designs&catid=80:cbd). (19-07-2013)
- Ilustração 33 - “Floating gardens”, Localização: Lago IJsselmeer, Amsterdão, Holanda – 2012, Arquitectos: Anne Holtrop (colaboração de Roderik van der Weijden). Fonte : <http://plusmood.com/2010/02/floating-gardens-spawellness-amsterdam-studio-noach/>.(19-07-2013)
- Ilustração 34 - “Floating gardens”, Localização: Lago IJsselmeer, Amsterdão, Holanda – 2012, Arquitectos: Anne Holtrop (colaboração de Roderik van der Weijden).(19-07-2013)
- Ilustração 35 - “Nenúfares Gigantes”, Localização: Phuket, Tailândia – Num futuro próximo, Arquitectos: The Why Factory.
- Ilustração 36 - “Nenúfares Gigantes”, Localização: Phuket, Tailândia – Num futuro próximo, Arquitectos: The Why Factory.. <http://inhabitat.com/floating-water-lily-islands-would-delight-tourists-and-soak-up-solar-rays/olympus-digital-camera-31/>.(19-07-2013)
- Ilustração 37 - Os Oceanos do Mundo – 2100, Lilliput: Ecopolis flutuantes, Arquitectos: Vicent Collebout Architecture.
- Ilustração 38 - Os Oceanos do Mundo – 2100, Lilliput: Ecopolis flutuantes, Arquitectos: Vicent Collebout Architecture. (Feireiss, 2011)

OBRAS CITADAS

(s.d.).

- Antonelli, P. (2003). Kisho Kurokawa, helix city project, Tokio, Japan. In M. McQuaid, Envisioning architecture. New York: The museum of modern art.
- Antonelli, P. (2003). Le Corbusier, urban studies projects for Montevideo, Uruguay and São Paulo, Brasil. In M. MacQuaid, Envisioning architecture. New York: The museum of modern art .
- Antonelli, P. (2003). Superstudio, the continuous monument project, New York extrusion, New York City, New York. In M. McQuaid, Envisioning architecture. New York: The museum of modern art.

- Antonelli, P. (2003). Yona Friedman, Spacial city projecy. In M. McQuaid, *Envisioning architecture*. New York: The museum of moden art.
- Barbarin, S., & Luque, J. (2004). Le Corbusier, La ville radieuse. In J. L. Valdivia, *Constructores de la cidade contemporánea*. Madrid: Dossat 2000.
- Campanella, T. (1996). *A cidade do sol*. Lisboa: Guimarães Editora.
- Carlo, T. d. (2003). Aldo Rossi, Constructing the city project. In M. McQuaid, *Envisioning architecture*. New York: The museum of modern art.
- Choay, F. (1965). *L'urbanisme : utopies et réalités une anthologie*. Paris: Seuil.
- Cia, S., & Luque, J. (2004). Peter Cook, Archigram. In J. L. Valdivia, *Constructores de la cidade contemporánea*. Madrid: Dossat 2000.
- Cline, B. (2003). James Wines, highrise of home project. In M. McQuaid, *Envisioning architecture*. New York: The museum of modern art.
- Feireiss, L., et al (2011). *Utopia forever : visions of architecture and urbanism*. Berlin: Gestalten.
- Gimeno, D., & Luque, j. (2004). Ebenezer Howard, tomorrow : a peaceful path to realm reform. In J. L. Valdivia, *Constructores de la cidade contemporánea*. Madrid: Dossat 2000.
- Goitia, F. C. (1982). *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Presença : Martins Fontes.
- Machado, J. P. (1959). *Dicionário etimológico da lingua poturguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.
- McQuaid, M., et al (2003). *Envisioning architecure*. New York: The Museum of Moden Art.
- McQuaid, M. (2003). Ron Herron (Archigram), walking city on the ocean project. New York: The museum of modern art.
- Morus, T. (2005). *A Utopia*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Ollero, R., et al (2005). *Utopias urbanas - colectânea de textos, licenciatura em arquitectura, projecto I*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- Platão. (2005). *Politeia*. Editores.. *Filosofia e Ensaios Guimareas* (trad.Elísio Gala), 2005, Lisboa
- Riley, T. (2003). Arata Isozaki, city in the air project Shinjukum, Tokio, japan. In M. McQuaid, *Envisioning architecture*. New York: The museum of modern art.
- Riley, T. (2003). Rem Koolhaas, the city of the captive globe project, new york city, new york. In M. McQuaid, *Envisioning architecure*. New York: The museum of modern art.
- Tena, L. (2004). Frank Lloyd Wright, the living city. In J. L. Valdivia, *Constructores de la cidade contemporánea*. Madrid: Dossat 2000.
- Teodoro, B. (2008). *Diccionario de mitologia greco romana*. Terramar edições.
- Terán, F. d. (1997). *El sueño de un orden: la ciudad hispanoamericana*. Madrid: CEHOPU.
- Valdivia, J. L., et al (2004). *Constructores de la ciudad contemporánea*. Madrid: Dossat 2000.
- Vitrúvio. (2006). *Tratado de arquitectura*. (M. J. Maciel, Trad.) Lisboa: IST Press.
- Zumthor, P. (1998). *Babel ou o inacabamento: uma reflexão sobre o mito de Babel*. (G. C. Franco, Trad.) Lisboa: Editorial Bizâncio.